

Letramento digital e alfabetização tecnológica: reflexões a partir de um estudo com alunos do PARFOR

DENYSE MOTA DA SILVA ATAIDEⁱ

Universidade Federal do Tocantins UFT, Brasil
denysemota@hotmail.com

MARIA JOSÉ DE PINHOⁱⁱ

Universidade Federal do Tocantins UFT, Brasil
mjpinho@uft.edu.br

Resumo: Este artigo, parte integrante de uma pesquisa em andamento, discute Letramento Digital e Alfabetização Tecnológica na perspectiva da formação continuada de professores. O objetivo é investigar se alunos do curso de Letras do PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da UFT – Universidade Federal do Tocantins campus de Araguaína, são letrados digitalmente. Igualmente, buscamos entender o que é Letramento Digital e também Alfabetização Tecnológica, apontando as diferenças e/ou aproximações conceituais dessas duas categorias epistemológicas. A pesquisa se configura como qualitativa e estudo de caso, e os procedimentos foram revisão bibliográfica e pesquisa de campo, realizada em duas turmas do PARFOR/Letras/Araguaína. Os resultados apontam que os sujeitos participantes no estudo não possuem habilidades para manusear o computador e seus aplicativos, e sendo assim não alcançaram as práticas do Letramento Digital.

Palavras-chave: Letramento Digital, Alfabetização Tecnológica, Formação Continuada de Professores, PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores.

1. INTRODUÇÃO

O momento atual, marcado pelo advento das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTCI), requer do indivíduo uma formação que favoreça atuar com desenvoltura nos diversos contextos tecnológicos. Assim, a educação precisa atender à emergência de uma sociedade que enfrenta diariamente o desafio de absorver os impactos advindos dos novos artefatos que surgem vertiginosamente. Ademais, se movimentar entre o real e o virtual é uma habilidade a mais que se espera do profissional egresso das escolas e universidades brasileiras.

Nesse sentido, a aquisição do conhecimento tecnológico, bem como os meios como se processa didática e pedagogicamente esse conhecimento, assumem relevância. Na medida em que os profissionais são formadores também estão se formando, ou seja, a aprendizagem acontece em tempo real sem local nem horário privilegiados, onde a hierarquização do saber cede lugar a uma relação pautada no diálogo e em ambientes colaborativos.

Porém, enfrenta-se o desafio de se fazer com que todos, mestres e aprendizes, tenham acesso ao aparato tecnológico que está disponibilizado.

Partindo dessas premissas, desenvolvemos este artigo, a partir de um estudo introdutório sobre Letramento Digital e Alfabetização Tecnológica, tendo em vista a formação continuada de professores. O objetivo é averiguar se os professores/alunos do curso de Letras do PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da UFT – Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína, são letrados digitalmente. Igualmente, buscamos entender o que é Letramento Digital e também Alfabetização Tecnológica, apontando as diferenças e/ou aproximações conceituais dessas duas categorias epistemológicas.

Para alcançarmos tais objetivos realizamos pesquisas teórica e empírica. A primeira deu-se por meio de um levantamento bibliográfico das produções acerca do tema proposto. A segunda se efetivou em uma das duas turmas do PARFOR, curso de Letras da UFT/Araguaina. Os procedimentos foram aplicação de questionários alcançando dez pessoas.

Os resultados permitem afirmar que para haver Letramento Digital é necessário que o indivíduo seja alfabetizado tecnologicamente. E que os alunos em formação continuada no PARFOR, que já atuam como professores, não possuem habilidades suficientes para manusear o computador e seus aplicativos, e sendo assim não são letrados digitalmente.

2. LETRAMENTO DIGITAL E ALFABETIZAÇÃO TECNOLÓGICA: CONCEPÇÕES TEÓRICAS

O que é letramento? Qual o conceito de letramento digital? E também, mas não menos importante o que entendemos por alfabetização tecnológica?

No cerne desses questionamentos buscamos, orientados por teóricos que discutem a temática, elucidar nossas dúvidas, considerando que é este

o foco de uma pesquisa mais ampla para elaboração de uma dissertação de mestrado. Igualmente, a partir de uma pesquisa empírica com dez alunos/professores do PARFOR/LETRAS/UFT/ARAGUAINA, discutimos o nível de alfabetização tecnológica dos mesmos e, por conseguinte, se são letrados digitalmente.

Recorremos a Kleiman (1995, p. 19) que define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Por sua vez, Soares (2002, p. 145) afirma ser letramento “o estado ou condição de indivíduos ou grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais da leitura e de escrita e participam competentemente de eventos de letramento”. Considerando a inserção de novas práticas sociais de leitura e escrita propiciadas pelo computador e *internet*, a autora identifica um estado diferente daquele que conduz às práticas de leitura e escrita já existentes na cultura do impresso. Partindo daí, Soares (2002), reconhece que diferentes tecnologias da escrita criam diferentes letramentos.

Sendo assim,

[...] Propõe-se o uso do plural letramento para enfatizar a idéia de que diferentes tecnologias da escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita, diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos (Soares, 2002, p. 156).

Barton (1994) também parte do pressuposto de que há diferentes letramentos, e que cada um deles assume diferentes concepções a partir do contexto em que se materializa e, não obstante, a noção de diferentes letramentos apresenta vários sentidos, e que práticas envolvendo variadas mídias e sistemas simbólicos, tais como um filme ou computador, podem

ser considerados diferentes letramentos, como letramento fílmico e letramento computacional. No caso de nosso intuito nesse trabalho, e tendo em vista o objeto de estudo que é alunos/professores e sua formação continuada no PARFOR, curso este que agrega atividades presenciais e à distância, o tipo de letramento que estudamos se insere na concepção de “letramento computacional”.

Isso porque, ao elegermos esta categoria de letramento para balizar o estudo que realizamos, estamos trabalhando com a possibilidade de que a leitura digital, e consequentemente o letramento digital, imbricam com a questão da alfabetização tecnológica, no entendimento daquilo que Tonidandel, Maissiat e Camargo (2006, p. 4) têm a esse respeito, ou seja, que a “alfabetização tecnológica pressupõe não o conhecimento técnico especializado, mas sim, ao desenvolvimento das habilidades de interpretação das mensagens veiculadas tecnologicamente e de manipulação técnica das tecnologias”.

Nesse sentido, a alfabetização tecnológica irá propiciar o letramento digital, e é isso que pretendemos evidenciar com nosso trabalho a partir da investigação acerca das habilidades que os alunos pesquisados têm com o uso e manuseio do computador. Dessa forma, dentre os tipos de letramento identificados a partir da concepção de “letramento”, ou “letramentos” conforme Barton (1994) e Soares (2002), elegemos o “letramento computacional” de Barton como o tipo de letramento que favorece a discussão acerca do letramento digital, sendo este visto como consequência de uma alfabetização tecnológica.

Mas afinal, o que é letramento digital?

Para Ribeiro (2009, p. 23) “se o conceito de letramento é problemático, o de letramento digital é ainda mais controverso, uma vez que traz, junto ao substantivo já tornado objeto de debate, um adjetivo que transforma e constrange seu sentido”. Para essa autora, letramento digital é uma expressão ainda não empregada de forma irrestrita, e devemos

considerar a ocorrência de letramentos diversos, por exemplo, letramento informacional, letramento midiático, letramento multimidiático e letramento computacional, o que reforça nossos argumentos anteriores.

Na concepção de Buzato (2003) o letramento digital está relacionando à habilidade de se construir sentidos, bem como à capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações eletrônicas. Já a alfabetização tecnológica, segundo Silva (2002), está associada à alfabetização enquanto construção social, e pode ser definida como a capacitação para utilização das tecnologias, sabendo como, quando e por que utilizá-las, o que requer a apropriação de determinadas habilidades para seus usos e manuseios.

Já Noveleto e Claus (2007) compreendem que o letramento digital se dá a partir da prática e da interação com as novas tecnologias, sendo que o manuseio do computador e seus periféricos se apresentam como fatores indispensáveis para este letramento ocorra. Os autores acreditam que o letramento digital tem apresentado avanços importantes, mas sua efetivação vem enfrentando vários desafios, e identificam que a implantação das novas tecnologias de comunicação e informação na área educacional não está na falta de equipamentos (computadores, televisores, rádios, DVD, acesso à *Internet* ou outros recursos equivalentes). Para eles, o maior problema identificado está no fato de não se saber utilizar tais recursos como incremento educacional, resultando no crescente analfabetismo tecnológico.

De acordo com Sampaio e Leite (2004), a alfabetização tecnológica se caracteriza pelas habilidades em lidar com as tecnologias que estão presentes também na escola, bem como do nível de relacionamento que se estabelece com elas, e sendo assim:

[...] Este domínio se traduz em uma percepção global do papel das tecnologias na organização do mundo atual e na capacidade do professor em lidar com as diversas tecnologias, interpretando sua

linguagem e criando novas formas de expressão, além de distinguir como, quando e por que são importantes e devem ser utilizadas no processo educativo (Sampaio e Leite (2004, p. 75).

Partindo dessas constatações, entendemos que a alfabetização tecnológica e, por conseguinte o letramento digital são processos que se efetivam a partir da interação entre alunos e professores, considerando-se a necessidade imposta por determinada situação. No caso específico de nosso trabalho investigativo com alunos/professores do PARFOR, evidenciamos que o papel do professor que ministra as aulas é determinante, pois, se esse professor não tiver as habilidades necessárias e poder de persuasão para envolver os alunos numa dinâmica onde exerça atividades com o computador, comprometerá a alfabetização tecnológica dos mesmos. Isso porque, como salientamos, o PARFOR é uma modalidade educacional que, por sua natureza semipresencial faz usos sistemático de atividades virtuais.

No tocante à alfabetização tecnológica do professor, Tonidandel, Maissiat e Camargo (2006, p. 4) afirmam que “a intenção deve ser a de tornar este um cidadão profissional atuante na sociedade, que contribui com um trabalho educativo significativo, próximo à realidade do aluno, conferindo-lhe desta forma sentido e significado”. Para os autores,

[...] o professor não pode simplesmente lançar suas opiniões sobre estas tecnologias de qualquer forma; há a necessidade de ter um conhecimento mais aprofundado no tema para tal atitude. Para que isto ocorra, o educador precisa se dedicar a explorar tais recursos com vista a utilizá-los como no processo de ensino e aprendizagem. Não pode haver uma simples substituição de meios (quadro-negro por uma tela do computador) há que ter sim, uma efetiva mudança de suas práticas educacionais. Um bom começo é o professor familiarizar-se com o meio computacional, explorar seus recursos, para que tenha ciência das suas possibilidades, de como pode aproveitá-las para enriquecer sua prática educativa (Tonidandel, Maissiat e Camargo, 2006, p. 4).

Nesse sentido, o papel do professor que está lecionando no PARFOR é colocar para os alunos atividades que possam ser monitoradas durante as

aulas presenciais, e acompanhar o desenvolvimento das atividades *on line*. Todavia, o problema maior que acreditamos existir, é o fato de os professores não se interagirem da realidade desses alunos, e é isto que iremos discutir com mais propriedade a seguir quando trazemos os resultados da pesquisa.

3. A ALFABETIZAÇÃO TECNOLÓGICA E O LETRAMENTO DIGITAL DE ALUNOS DO PARFOR/LETRAS/ARAGUAINA

O PARFOR é uma modalidade educacional que agrega aspectos presenciais e à distância. Foi implantado pela CAPES¹ – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior em regime de colaboração com as Secretarias de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e com as IES – Instituições de Ensino Superior. O objetivo do programa é garantir aos professores da educação básica em exercício na rede pública a formação exigida pela LDB 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, por meio da implantação de turmas especiais, exclusivas para professores em exercício¹.

Os tipos de cursos oferecidos são:

- I. Primeira licenciatura – para docentes em exercício na rede pública da educação básica que não tenham formação superior;
- II. Segunda licenciatura – para docentes em exercício na rede pública da educação básica, há pelo menos três anos, em área distinta da sua formação inicial; e
- III. Formação pedagógica – para docentes graduados não licenciados que se encontram em exercício na rede pública da educação básica.

¹ Fonte: www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor. Acesso 14-mar-2012.

Dessa forma, consideramos pertinente percebermos como ocorre a interação com as Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTCIs) dos alunos, notadamente no que tange às habilidades de uso e manuseio de computador e seus periféricos. O intuito é identificar se estes alunos são alfabetizados tecnologicamente e, conseqüentemente, se possuem letramento digital.

Com efeito, Soares (2003) identifica dois tipos de letramento, o letramento escolar, isto é, aquele no qual as habilidades de leitura e escrita são desenvolvidas através da escola, e o social, um letramento que se materializa pela apreensão de práticas e experiências do cotidiano a partir da ocorrência de situações comunicativas. É a partir desses conceitos de letramento que buscamos compreender como se processa a alfabetização tecnológica e o letramento digital a partir do estudo realizado com estudantes do PARFOR.

A pesquisa se realizou com dez estudantes do curso de Letras-Turma A, quando aplicamos um questionário com perguntas abertas, com o intuito de obter informações sobre a interação que eles mantêm com o computador, uma vez que a modalidade de ensino PARFOR tem atividades que se processam através do ambiente virtual *moodle*, ou seja, *on line*. As respostas estão sistematizadas em quadros analítico-descritivos, e estão comentadas a seguir.

Inicialmente trazemos dados sobre os nossos entrevistados, dez professores que frequentam o curso de Letras, apresentando o perfil de cada um deles. As informações abrangem variáveis como: idade, gênero, formação e tempo de magistério. Isso se faz necessário, pois para termos um diagnóstico real, precisamos saber quem são estes professores.

3.1. Perfil dos Professores

QUADRO I. Perfil dos professores

Código	Gênero	Idade	Formação	PARFOR	Tempo de magistério
P1	F	45	Normal Superior	2ª Graduação	15 anos
P2	F	56	Normal Superior	2ª Graduação	24 anos
P3	F	34	Normal Superior	2ª Graduação	12 anos
P4	F	54	Ensino Médio	1ª Graduação	11 anos
P5	F	54	Ensino Médio	1ª Graduação	28 anos
P6	F	34	Normal Superior	2ª Graduação	18 anos
P7	F	34	Ensino Médio	1ª Graduação	9 anos
P8	F	32	Pedagogia	2ª Graduação	13 anos
P9	F	35	Normal Superior	2ª Graduação	5 anos
P10	F	30	Ensino Médio	1ª Graduação	3 anos

Como revela o quadro 1, os professores objeto de nossa pesquisa são do gênero feminino e estão na faixa etária de 30 a 56 anos de idade. Do total, 40% possuem apenas o segundo grau, e sendo assim o curso de Letras do PARFOR é a primeira graduação que eles estão fazendo. Dentre estes, identificamos que duas professoras têm 54 anos, uma 35 e outra 30 anos de idade. A relevância dessas informações está também no fato de

identificarmos que é expressivo o número de professores que estão na sala de aula sem uma formação universitária.

No tocante às professoras que estão cursando uma segunda licenciatura no curso de Letras do PARFOR, perfazendo um total de 60%, cinco são formadas em Normal Superior e uma em Pedagogia. Em relação à faixa etária, uma tem 56 anos; uma 45 anos; uma 35, duas 34 e uma 32 anos de idade.

O fator idade é relevante uma vez que ter mais ou menos anos de idade pode favorecer a identificação de maior ou menor interesse em lidar com as novas tecnologias. Como sabemos as gerações mais velhas, portanto com idade superior a 50 anos, como é o caso de 30% dos professores pesquisados, enfrentam algum tipo de dificuldade em usar o computador (Araújo, 2008), sendo que o simples manuseio do *mouse* se apresenta como o primeiro grande desafio, aliado ao fato de não terem uma coordenação motora ágil. Diferentemente, as pessoas mais jovens vêem o computador sem muitas barreiras, o que favorece a aprendizagem para lidar com o equipamento e o processo da alfabetização tecnológica.

No tocante ao tempo de magistério, 70% dos professores pesquisados lecionam há mais de 13 anos, sendo que a professora P2 de 56 anos de idade tem 24 anos de magistério e o PARFOR é sua segunda licenciatura; já a professora P5, que tem 56 anos de idade, leciona há 28 anos e está cursando sua primeira graduação.

A relevância do tempo de magistério, em consonância com a idade cronológica dos participantes da pesquisa, está no foco de que a expectativa dos mesmos em relação a plano de carreira, por exemplo, influencia o interesse, e até mesmo a ausência deste, no que tange a uma preocupação com a aquisição de habilidades para lidar com o computador e suas ferramentas. A professora P5, por exemplo, daqui a dois anos já pode se aposentar. O que não acontece com a professora P10, que tem 30 anos

de idade, faz sua primeira graduação no PARFOR e só tem três anos de sala de aula.

Em relação ao questionário aplicado, primeiro perguntamos às professoras como elas descrevem a relação que mantém com o computador/*Internet*, e solicitamos que falassem sobre a facilidade e/ou dificuldade em lidar com ele, justificando a resposta. Vejamos o que revela o quadro 2.

QUADRO II – Facilidade e/ou dificuldade em lidar com o computador

Código	Respostas ²
P1	Gostaria muito de me interagir com os livros, principalmente pela <i>internet</i> , de <i>internet</i> só sei o básico, e este básico aprendi aqui no curso do PARFOR.
P2	Eu não tenho nenhuma facilidade com o computador, principalmente na hora de digitar, formatar ou enviar alguma tarefa.
P3	Não tenho computador em casa, uso da escola ,quando funciona e já ta ligado, mas o tempo é muito restrito.
P4	Primeiro porque não tenho e aí fica difícil.
P5	Onde moro não há <i>internet</i> .
P6	Computador e <i>internet</i> facilitam a minha vida acadêmica e profissional por conter o que preciso para estudar de forma dinâmica e rápida.
P7	Não tenho muito dificuldades, só em algum sites.
P8	Trabalho diariamente na <i>internet</i> , mas tenho dificuldades em instalar programas específicos para ler arquivos, então as vezes me atrapalha.
P9	Não tenho facilidades em computador as vezes preciso de ajuda de alguém.
P10	A minha relação é distante, pois a dificuldade é bastante, não tenho muita experiência com computador.

² Para maior veracidade dos dados, transcrevemos, sem qualquer alteração ortográfica, a fala dos entrevistados.

Como podemos evidenciar, apenas as professoras P6, P7 e P8, com idade entre 32 e 34 anos, fazem uso das ferramentas do computador, notadamente da *internet*. Aliás, o discurso de cada uma delas denota uma preocupação em apresentar a relação que mantêm com o computador apenas para acessar a *internet*. Apenas a Professora P2, 56 anos, aponta que enfrenta muita dificuldade quando precisa digitar ou formatar um arquivo. Já o Professor P6, 34 anos, enfatiza como aspecto favorável em suas atividades acadêmicas e pessoais o computador e a *internet*. Ademais, na fala do Professor P1, 45 anos, percebemos que o “básico” aprendido deu-se no PARFOR, e como “básico” leia-se “*internet*”.

Como sabemos a relação com as novas tecnologias na vida acadêmica é um imperativo. Afinal, os trabalhos solicitados pelos professores precisam ser digitados e esse mecanismo necessita de algumas habilidades em lidar com o computador. Assim, ao limitar as atividades relacionadas ao uso da informática à *internet* é um problema que deve ser visto com bastante cuidado pela escola. Principalmente se essa escola oferta um curso nos moldes do PARFOR, ou seja, que exige dos acadêmicos atividades específicas, as quais, sem saber manusear o equipamento informatizado, estará comprometida.

Perguntamos também se o Programa do PARFOR oferece suporte técnico e de formação para a realização do ensino na modalidade EaD. As respostas estão no quadro 3.

QUADRO III – Papel do PARFOR como suporte técnico e de formação

Código	Respostas
P1	Não sei acessar o <i>moodle</i> e nenhum professor mostra como usa.
P2	Desde 2008 tenho contato com computador e <i>internet</i> , na minha escola, foi muito difícil no primeiro momento, conhecer e saber manusear os ícones, mas com esforço tudo é possível.

Código	Respostas
P3	O PARFOR não oferece suporte, por isso traz o desinteresse e o não cumprimento das atividades pelo computador.
P4	Tenho dificuldades por não ter um curso de computação. O que sei aprender só com umas dicas dos amigos para passar no e-mail do professor, mas o programa oferece sim.
P5	Sim, mas sinto-me uma analfabeta virtual.
P6	Não, as vezes os alunos deixam de buscar aprendizado no computador e buscam só divertimento.
P7	Ouve um curso no início que o moodle foi criado agora não.
P8	Falta mais suporte.
P9	Sim.
P10	Não.

Com efeito, a voz das entrevistadas é uníssona. O PARFOR deixa muito a desejar no momento de oferecer suporte para que os alunos possam interagir em atividades que são uma exigência do curso, por exemplo, acesso ao *moodle*. Todavia, a professora P3, 34 anos, formada em Normal Superior, e que está cursando sua segunda graduação no PARFOR, é contundente em sua fala: “O PARFOR não oferece suporte, por isso traz o desinteresse e o não cumprimento das atividades pelo computador” (*sic*).

Realmente, nossa interlocutora responsabiliza a instituição, e, por conseguinte, o curso que promove sua formação continuada, pela não realização das atividades que envolvem o uso do computador. Como sabemos, a partir do momento que se oferta um programa de formação para professores na modalidade à distância, no caso do nosso estudo, o PARFOR que agrega aspectos presenciais e *on line*, é necessário que exista um suporte para os estudantes, principalmente se considerarmos a realidade

individual destes, que em sua grande maioria nem sequer tem um computador em casa. E sem interagir com essa ferramenta tecnológica a alfabetização digital não se efetivará.

É interessante a fala da professora P5, 54 anos, que está cursando sua primeira graduação no PARFOR, afirmando que o curso oferece suporte sim, “mas sinto-me uma analfabeta virtual”. A constatação desta “condição” de “analfabeta” que a professora tem, em relação ao uso das novas tecnologias, certamente influencia negativamente em seu desempenho quando precisa acessar as atividades postas no *moodle*.

Nesse sentido, Sampaio e Leite (2004), argumentam que a alfabetização digital pressupõe que se tenha minimamente domínio das tecnologias que estão disponibilizadas na sociedade, notadamente na escola, mediante o relacionamento crítico com elas. Para os autores, este domínio se traduz em uma percepção global do papel das tecnologias na organização do trabalho docente e no compromisso do professor em lidar com as diversas tecnologias, interpretando sua linguagem e criando novas formas de expressão, além de distinguir como, quando e de que forma poderá auxiliar os alunos na apreensão dos conteúdos, principalmente naqueles que estão disponibilizados *on line*.

Acerca do papel do professor no que tange ao auxílio dos alunos, Sampaio e Leite (2004) assim se manifestam:

A utilização da informática na educação deve oferecer, ao professor, bases que o auxiliem a sair de um sistema fragmentado de ensino e a aderir a um sistema integrador de conteúdo, atendendo as necessidades dos alunos e também à suas expectativas pedagógicas. O professor tem um papel de extrema importância: ele tem que ser atuante na interação aluno-computador sempre propondo ações, discussões para que possa provocar o lado crítico do aluno, desenvolvendo o seu raciocínio, dando assim margem para a construção do conhecimento. O aluno tem um importante papel na sua aprendizagem, a qual ocorre a partir do momento em que descobre o significado do que o professor diz (Sampaio e Leite, 2004, P. 5).

Nessa perspectiva, as relações pedagógicas que se estabelecem dentro e fora da sala de aula se apresentam como condicionante para que a aprendizagem se efetive. Ambos, alunos e professores, necessariamente, precisam acionar mecanismos que gerem situações favoráveis ao diálogo, aspecto indispensável para que o conhecimento se efetive, possibilitando, não apenas a alfabetização tecnológica, mas o letramento digital.

Todavia “o estudante tem que ser dinâmico e participativo, dando margem para sua própria aprendizagem. Esta se caracteriza por ser um processo de solução de problemas, no qual o aluno está sempre envolvido, guiado por suas próprias reflexões” (Sampaio e Leite, 2004, p. 5). Ademais, “dentro da relação aluno/computador, o computador ao ser encarado como um instrumento de apoio as matérias e aos conteúdos lecionados oferecerá ao aluno novas oportunidades de aprendizagem” (Sampaio e Leite, 2004, p. 5).

Nesse sentido é importante refletir sobre a fala da professora P4, 54 anos, com formação apenas do segundo grau, que diz: “Tenho dificuldades por não ter um curso de computação. O que sei aprendi só com umas dicas dos amigos para passar no e-mail do professor [....]” (*sic*). Claro está que a relação que a entrevistada mantém com o computador denota um analfabetismo tecnológico, e que a necessidade de pelo menos acessar a *internet* para encaminhar uma mensagem ao professor é uma prática que acontece com a “ajuda dos amigos”, limitando sua autonomia e comprometendo sua aprendizagem.

Noveleto e Claus (2007) concordam que o analfabetismo tecnológico é uma realidade, e identificam sua incidência em função das dificuldades que os estudantes têm de se assimilar a enorme quantidade de informações que recebem e também na forma como lidam com a diversidade de suportes e ferramentas de acesso a elas. Os autores apresentam o letramento digital como uma etapa superior da alfabetização tecnológica, e acreditam que o maior problema dessa prática social não está na falta de

equipamentos (computadores, acesso à Internet ou outros recursos equivalentes), mas sim no fato de não se saber utilizar tais recursos, e que a tarefa da escola é habilitar professores e alunos para um bom desempenho com as novas tecnologias de informação e comunicação.

Com efeito, a professora P1, que tem 45 anos de idade, é formada em Normal Superior, e exerce a função há 15 anos, dá uma resposta que é mais um desabafo: “Não sei acessar o *moodle* e nenhum professor mostra como usa”. Dessa forma, é notório que existe um certo desânimo por parte da professora, uma vez que suas expectativas em relação ao PARFOR era que os professores fossem mais atentos às carências da turma, notadamente em relação ao *moodle* - *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* - *software* livre que serve de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual em cursos na modalidade à distância.

Outra pergunta que fizemos aos nossos interlocutores foi: Qual computador você utiliza para fazer atividades solicitadas pelos professores do curso? Os resultados estão no quadro 4 a seguir.

QUADRO IV – Computador que utiliza para a realização das atividades

Código	Respostas
P1	Da escola.
P2	Da escola.
P3	Da escola.
P4	Da secretaria de educação.
P5	Outros.
P6	O meu.
P7	O computador de outro lugar.
P8	O meu.
P9	Da escola.
P10	O computador de outro lugar.

Os dados do quadro de número quatro são reveladores. Apenas 20%, ou seja, os professores P6 e P8 usam o computador que têm em casa. 50% afirmam que usam no trabalho e 30% em outro lugar. Ora, ao utilizar computadores no trabalho ou em outro lugar, esses 80% dos estudantes evidenciam uma realidade muito preocupante, uma vez que o uso do equipamento para realizar tarefas alheias à função que eles exercem no trabalho se limita aos momentos “de folga”. No caso da utilização em “outros locais”, por exemplo, *Lan Houses*, por ser um ambiente público, compromete a concentração e, conseqüentemente, o desempenho das atividades. Ademais, se para efetivar as tarefas propostas durante os encontros presenciais, que ocorrem apenas duas vezes por ano, no período das férias, eles têm dificuldades em acessar o *moodle*, ferramenta essencial nesta modalidade educacional, como ficam os demais meses do ano? Afinal o curso tem a duração de quatro anos, e o período em sala de aula é bem reduzido.

Tratando do letramento digital em ambientes de aprendizagem semipresenciais, Araujo (2008) acredita que a escola assume um papel de grande relevância na formação letrada do sujeito, incluindo-se o letramento digital. Para a autora, seja na escrita ou na leitura, a palavra terá sempre o lugar de destaque no processo do ensino e da aprendizagem, tendo em vista os vários instrumentos de apoio, somados ao uso e manuseio do computador.

Não obstante, na concepção dessa autora, a interação com o computador facilita o acesso à informação, e se apresenta como um caminho aberto para a produção do conhecimento, viabilizando a composição de um sujeito “investigador, multitarefa, onipresente e ilimitado através da escrita, que a partir da seleção de informações, na busca do novo, do desconhecido, encaminha suas averiguações de acordo com seus interesses a fim de formular respostas para seus questionamentos” (Araujo, 2008, p. 10). Consequentemente, a

alfabetização tecnológica e o letramento digital instigam a compreensão do mundo e sua problematização, conclui a autora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo abordamos a alfabetização tecnológica e o letramento digital a partir de um estudo parcial com alunos do curso de Letras do PARFOR. O objetivo foi identificar se os mesmos são alfabetizados tecnologicamente e se possuem letramento digital.

O estudo revelou que em detrimento do PARFOR ser uma modalidade de ensino semipresencial, isto é, que se efetiva através de aulas presenciais e também à distância, os estudantes não têm preparo suficiente para manusear o computador e seus periféricos. Tal constatação demonstra que a aprendizagem desses alunos não transcorre satisfatoriamente, pois as atividades *on line* não são totalmente executadas.

Outra constatação é de que os estudantes do curso de Letras do PARFOR da UFT de Araguaína, não sabem lidar com as novas tecnologias, no caso aqui estudado, o computador e suas ferramentas, e sendo assim, não podem ser considerados alfabetizados tecnologicamente. Em consequência disso, o letramento digital é, ou chega a ser, uma prática indiferente para os mesmos, o que atua desfavoravelmente no sentido da aquisição e apropriação dos conteúdos que são postados *on line*, bem como de outras atividades que necessitam do computador, como por exemplo, pesquisas de livros, artigos, teses, etc., que quando bem filtrados na WEB - *World Wide Web* - podem ser considerados um excelente aliado de estudantes e professores.

Não obstante, as vozes, por enquanto, dos professores pesquisados, refletem algumas particularidades de um curso que foi criado para formar esses professores adequadamente, no sentido de favorecer o trabalho na sala de aula, contribuindo para que a qualidade do ensino na educação

básica se efetive. Se isso não ocorre, a instituição formadora e os professores que estão diante desses alunos, serão responsabilizados, sendo que os professores são o alvo mais imediato. Afinal, as indagações continuam em aberto e construção, apenas estamos nos conduzindo às evidências, tentando intermediar e compreender conscientemente as vozes deste nosso trabalho.

5. REFERÊNCIAS

- Araújo, P. Martins A. (2006). *Letramento Digital: Um Estudo De Caso Em Uma Escola Municipal De João Pessoa*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de Estudos Culturais e Tecnologias de Informação e Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Disponível: www.ce.ufpb.br/ppge/
- Barton, D. (1994). *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. Blackwell: Oxford. 1994.
- Brasil (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96*. São Paulo: SINPRO.
- Brasil (2009). *PARFOR- Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica*. Brasília: MEC, 2009. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>. Acesso 14-mar-2012.
- Brasil (2009). *CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*. Brasília: MEC, 2009. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>. Acesso 14-mar-2012.
- Buzato, M. E. K. (2003). *Letramentos Digitais e Formação de Professores*. (IEL/ UNICAMPmarcelo.buzato@gmail.com. www.educared.org/educa/img_conteudo/MarceloBuzato.pdf. 2003. Acesso 11-MAR-2012.

- Kleiman, Â. B. (1995) Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento*. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.
- Noveleto, M. C. & Claus, P. C. (2007). *Letramento Digital dos Professores e Alunos das Escolas Públicas Estaduais de Campinas – Região dos Amarais*. 2007. alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/.../COLE_438.pdf. Acesso 11-mar-2012.
- Ribeiro, A. E. (2009). Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. *Revista da ABRALIN*, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009. Acesso. 12-jan-2012.
- Sampaio, M. N. & Leite, L. S. (2004). *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis: Vozes, 2004. 110 p.
- Silva, Á. A. T. (2004). *Ensinar e aprender com as Tecnologias: Um estudo sobre as atitudes, formação, condições de equipamento e utilização nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do Conselho de Cabeceiras de Basto*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. Braga: Portugal, 2004. www.uminho.pt/. Acesso 12-fev-2012.
- Soares, M. (2002), Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. *Educação e Sociedade*: Campinas, vol. 23, n 81, p. 143-160, dez. 2002.
- Soares, M. (200). *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto, 2003. 123 p.
- Tonidandel, I., Maissiat J., Camargo, L. S. (2006). As Demandas Sociais e Tecnológicas: o docente e a internet. *UNIrevista* - Vol. 1, nº 2 (abril 2006), ISSN 1809-4651. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Tonidandel_et_al.pdf. Acesso 13-mar-2012.

Digital literacy and technologic literacy: reflections from a study with students from PARFOR

Abstract:

This article, is part of an ongoing study, discusses teachers Technological Literacy and Digital Literacy. Its aim is to investigate whether Language course students from the PARFOR (National Plan for Training Teachers at the Federal University of Tocantins on Araguaína campus) are digitally literate. We also seek to understand what Digital Literacy and Technological Literacy means pointing out the differences and / or conceptual approaches of those two epistemological categories. The survey is classified as qualitative and case study, and the procedures were reviewed literature and field research performed in two groups of PARFOR / Language / Araguaína. The results show that to reach Digital Literacy it is necessary the subject to be technologically literate.

It also showed that the teachers who participated in study, don't have skills to handle the computer and its applications, and thus aren't digitally literate.

Keywords: Digital Literacy, Technological Literacy, Continuing Education for Teachers; PARFOR - National Teacher Training.

Texto:

- Submetido: julho de 2013.

- Aprovado: setembro de 2013.

Para citar este artigo:

Ataide, D. & Pinho, M. J. (2013). Letramento digital e alfabetização tecnológica: reflexões a partir de um estudo com alunos do PARFOR. *Educação, Formação & Tecnologias*, 6 (2), 68-79 [Online], disponível a partir de <http://eft.educam.pt>.

Notas biográficas dos autores

Denyse Mota da Silva Ataíde

ⁱ Doutoranda em Língua e Literatura no PPGL- UFT-Universidade Federal do Tocantins. Mestre em Língua e Literatura, área de concentração Ensino e Formação Docente. Graduação em Letras e Especialista em Língua Portuguesa e Metodologia do Ensino Superior. Atua na área de Ensino, pesquisa e Gestão Escolar. Desenvolve Projetos Institucionais e Pedagógicos.

Maria José de Pinho

ⁱⁱ Possui graduação em História e Pedagogia pelo Instituto Cultural Newton Paiva Ferreira (1989), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (1995) e doutorado em Educação e Currículo pela PUC- (2004). Atualmente é professora Associado e Bolsista Produtividade da Universidade Federal do Tocantins. Tem vasta experiência na área de Educação.